

Imogen Kealey

LIBERTAÇÃO

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

A França de Nancy Wake: 1943-1944



Primeira parte

Marselha, janeiro de 1943

Capítulo 1

Tinha sido uma má ideia. Tinha sido uma péssima ideia. Raios.

Agachada atrás dos escombros de uma parede destruída, Nancy fechou os olhos por um instante e inspirou fundo. O cheiro das casas a arder agarrava-se-lhe à garganta, o fumo fazia-lhe arder os olhos e, encolhida no seu pequeno refúgio, começava a ter cãibras. Conseguia agora ouvir com perfeita nitidez as vozes dos soldados alemães que se aproximavam.

– *Auf der linken Seite.*

Do lado esquerdo.

Ainda ontem a parede atrás da qual se escondia fizera parte de uma casa, um lar. Apenas um dos milhares de prédios estreitos e feios daquele recanto de Marselha onde os habitantes menos respeitáveis da cidade lutavam, aldrabavam e negociavam a sua passagem de um dia para o seguinte.

Agora estava abrigada no que restava de um quarto pequeno e sujo com o seu segundo melhor casaco e o seu terceiro melhor par de sapatos de salto alto. Os malditos apertavam-lhe os pés. O céu de inverno, sem uma nuvem, era visível através dos restos do piso de cima, mas aquele quarto tinha só uma porta. Cometera um estúpido erro ao enfiar-se ali para evitar a patrulha alemã, uma das que revistavam as ruínas enquanto os colegas continuavam a colocar cargas explosivas mais para o alto da colina, dispostos a expulsar dos seus buracos os antigos

residentes do Vieux Quartier. Indo de casa em casa. E aquela casa era a seguinte. Detonações surdas e o rolar de pedaços de alvenaria, à mistura com ocasionais rajadas de tiros, ecoavam encosta abaixo.

– Encontraram mais ratazanas, rapazes – disse a voz de um homem mais velho, talvez o oficial.

– Mas eu quero um rato – respondeu um dos soldados e todos riram.

A maior parte dos amigos ricos de Nancy nunca teria sonhado ir àquela parte da cidade, mesmo antes da guerra. Demasiado perigoso. Demasiado estranho. No seu primeiro dia em Marselha, no entanto, cinco anos antes, Nancy descobrira o caminho para as ruas íngremes e estreitas do Vieux Quartier e apaixonara-se por elas e pelos pecadores e bebedores e jogadores que lá encontrara. Adorara a confusão caótica de cores e contrastes e mergulhara nela de cabeça. Era, claro, uma consequência do seu talento para ir a sítios aonde não devia ir, o que significava que podia viver como jornalista em França. E sabia que, sendo australiana, podia fazer coisas que nunca passariam pela cabeça da maior parte das mulheres francesas, tão cuidadosas com a sua reputação. Nos anos entretanto decorridos, Nancy movera-se por aquelas tortuosas ruas e becos sem medo, partilhando cigarros com os rapazes das esquinas e trocando insultos com os patrões deles. Nem quando ficara noiva de um dos industriais mais ricos da cidade deixara de ir aonde lhe apetecesse. E tinha corrido tudo bem. Quando a guerra rebentara e os mantimentos começaram a escassear mesmo nos territórios de Vichy, Nancy já tinha travado amizade com metade dos operadores do mercado negro de Marselha.

– Vazio, meu capitão!

– *Okay*, vamos à seguinte.

Então os nazis tinham chegado, com a sua fealdade e a sua violência gratuita, e a ficção de que havia uma parte da França não ocupada desfez-se, e os nazis tinham decidido que a melhor maneira de lidar com os provocadores, contrabandistas e ladrões do Vieux Quartier era queimar-lhes as casas até aos alicerces e abater a tiro os que não fugissem a tempo.

Por isso, agachada atrás da parede, Nancy tinha de admitir, relutante até para si: ir ali numa última missão enquanto as SS procuravam sobreviventes e fugitivos no meio do entulho tinha sido uma má ideia, e o facto de ter ido ali quando quem os sádicos de botas altas de verdade queriam encontrar era o correio da Resistência e contrabandista de pessoas conhecido como *Rato Branco*, sendo também, além da menina Nancy Wake, ex-jornalista e apaparicada princesa da alta sociedade de Marselha, o dito *Rato Branco*, fazia com que fosse uma péssima ideia, uma porcaria de uma ideia, uma ideia muito pouco inteligente.

Não que tivesse tido alternativa. Todas as missões em que se empenhava eram importantes, mas aquela era vital e tinha de acontecer naquele dia, mesmo enquanto os alemães faziam o mundo em pedaços à sua volta. Saíra da luxuosa *villa* que partilhava com Henri animada por uma firme determinação, esgueirara-se por entre as patrulhas, encontrara o seu contacto, obrigara o patife matreiro e aldrabão a cumprir a sua parte do negócio e conseguira o que tinha ido buscar. O pacote estava seguro debaixo do seu braço, embrulhado na trampa pró-nazi produzida pela imprensa de Vichy. Tinha-lhe custado mil francos e valia cada cêntimo – se conseguisse chegar a casa viva.

Tinha de sair dali. Já. Nunca iria conseguir chegar ao próximo encontro a tempo se fosse detida e interrogada, mesmo que eles se deixassem levar na conversa do «Eu, senhor oficial? Oh, enganei-me no caminho ao voltar das termas. Fica tão bem com esse uniforme. A sua mãe deve estar muito orgulhosa de si». Só Deus sabia quantas vezes tinha usado o bater de pestanas e a sedução para se safar em postos de controlo, um toque de batom nos lábios, com comunicados secretos ou peças de rádio para a Resistência cosidos no forro da mala de mão ou presos com adesivo à face interior da coxa. Mas tinha, *tinha absolutamente* de chegar a tempo para o encontro.

Dois homens da patrulha já estavam no vestíbulo da casa. Raios os partissem! Se conseguisse fazê-los voltar à rua, poderia tentar escapar pelas traseiras do prédio. Era isso ou abrir caminho a tiro.

Enfiou a mão na mala, tirou de lá o revólver e molhou os lábios. Não havia tempo para pensar. Aquilo tinha de ser feito. Levantou

a cabeça, espreitou por cima do parapeito destroçado da janela e olhou para a esquerda e para a direita. A casa do outro lado da rua e para leste ainda tinha partes do segundo piso de pé. Alguém poupara no TNT. Viu uma mesa, com uma jarra pousada no centro, numa divisão que já não tinha paredes nem teto. A solitária rosa que a jarra continha oscilava na corrente de ar ascendente provocada pelo incêndio. Excelente.

Abriu o tambor do revólver, despejou os cartuchos na palma da mão e atirou-os, balouçando o braço por cima da cabeça, para o outro lado da estreita rua. Um dos soldados voltou a cabeça de testa franzida, sentindo o movimento. Nancy apertou-se contra a parede e conteve a respiração. Um. Dois. E então houve uma detonação seca quando as chamas encontraram o primeiro cartucho. E outra.

– Responder ao fogo!

Os dois soldados que estavam no vestíbulo voltaram à rua e começaram a disparar contra o prédio em chamas. Nancy sentiu o cheiro a cordite quando deslizou para fora do arruinado quarto e correu para as traseiras da casa. A patrulha continuava a disparar contra fantasmas. Abriu a porta, atravessou o pequeno pátio coberto de entulho e mergulhou no labirinto de vielas sem nome até chegar à relativa segurança da rue du Bon Pasteur. Deserta. Correu colina abaixo com um silencioso grito de vitória, o embrulho ainda debaixo do braço e a mão enluvada a segurar o elegante chapéu de palha, a fazer muita força para não rir e entrando na praça em derrapagem como um miúdo temerário de bicicleta.

Direita a outra patrulha. Ou quase. Estavam de costas para ela. Atirou-se para o lado contra a parede mais próxima e retrocedeu um pouco rua acima. Da janela do piso superior da casa em frente, um gato observava-a, a piscar os olhos.

Nancy olhou para ele e levou um dedo aos lábios, na esperança de que o bicho não conseguisse perceber àquela distância que ela gostava mais de cães. Viu, a meio metro dela, a sombra de uma abertura na rua deserta. Um beco, quase sem largura suficiente para uma pessoa passar e juncado sabia Deus de que espécie de lixo.

Meteu por ele de lado, a tentar não deixar que o casaco tocasse nas paredes, que tinham um ar suspeitosamente gordurento. Tal como as pedras que pisava. Jesus, o cheiro. Nem os esgotos do mercado de peixe em pleno verão cheiravam tão mal. Respirou pela boca, ensurdecida pelas palpitações do seu coração. Esperava que a criada conseguisse salvar os sapatos, apesar de lhe apertarem os pés. Voltou a ouvir as vozes dos soldados da patrulha. Tinham apanhado um pobre desgraçado qualquer e ouvia-os gritar com ele, e as respostas submissas do detido. Parecia desesperado, cheio de medo.

– Não lhes mostres medo, companheiro – murmurou por entre os dentes cerrados. – Só serve para os excitar.

– De joelhos!

Aquilo não era bom. Nancy ergueu os olhos para a estreita faixa de céu azul por cima da sua cabeça e rezou. Não acreditava em Deus, mas talvez o francês acreditasse ou o alemão que empunhava uma arma. Quantas pessoas estariam nas casas em redor, à escuta mas demasiado assustadas para se moverem? Talvez também estivessem a rezar. Talvez fizessem a diferença. E talvez não.

Ouviu o estalido da culatra de uma espingarda a ser armada, seguido de um grito e passos que corriam colina acima em direcção ao seu esconderijo. O idiota estava a tentar fugir. O tiro ecoou entre as altas paredes. Ouviu um arquejo gutural, muito perto, quando a bala atingiu o alvo, e olhou de lado a tempo de vê-lo cair, de braços esticados para a frente, diante da entrada do beco, no meio da íngreme rua calcetada. Tinha o rosto voltado para ela. Cristo, era um miúdo. Dezoito anos, no máximo. Ficou a olhar para ele, e era como se ele a visse. Tinha a pele cor de azeitona de um rapaz nascido sob o sol de Marselha, profundos olhos castanhos, pómulos altos. Vestia a camisa de linho que todos os trabalhadores da zona usavam, desgastada pelas lavagens mas mantida ofuscantemente branca por uma mãe dedicada. Céus, a mãe! Onde estaria? O sangue fazia uma poça por baixo do peito do rapaz e escorria pelo declive por entre as pedras arredondadas. Os lábios mexiam-se, como se ele estivesse a tentar sussurrar-lhe um segredo. Depois a visão do rosto do rapaz caído foi tapada pelas botas de um soldado alemão.

O soldado olhou para a praça lá em baixo e gritou qualquer coisa que Nancy não percebeu. Uma curta resposta.

O soldado tirou a espingarda do ombro, acionou a culatra e levantou-a. Recuou meio passo e Nancy pôde ver mais uma vez a cara do rapaz. O mundo reduziu-se àquele troço de rua calcetada, ao estuque amarelo da parede da casa em frente pintada pelo sol, ao movimento dos lábios do rapaz moribundo. *Bangue!* Sangue e pedaços de cérebro saltaram para o outro lado da rua. O corpo do rapaz estremeceu e ficou imóvel, a luz dos olhos de súbito extinta.

Nancy sentiu uma labareda de raiva percorrê-la. Malditos assassinos sem lei. Enfiou a mão na mala e fechou os dedos à volta da coronha do revólver antes de se lembrar de que estava descarregado.

– Ah, merda! – disse o soldado em voz baixa, enquanto limpava uns salpicos de sangue da bainha do capote. Da próxima vez teria mais cuidado. Olhou para a janela onde o gato estivera e depois para a esquerda e para a direita ao longo da rua. Mais um momento e descobri-la-ia, e não havia nada que ela pudesse fazer, e se não podia matá-lo ia ter de safar-se daquilo à custa de lábia. Começou a preparar desculpas e frases de apaziguamento. Deveria fazer o papel de menina assustada? Ou o da ultrajada dona de casa francesa, capaz de intimidar até os SS com a conversa da riqueza do marido e dos seus amigos nos mais altos cargos? O ataque pode ser a melhor defesa, mesmo se no fim conseguisse que a matassem.

Um novo grito vindo da praça e o soldado voltou-se. Começou a descer a colina, a suspender a espingarda do ombro e a deixar o *Rato Branco*, a tremer de fúria, no seu esconderijo.

Nancy tinha de esperar, de modo que contou até cinquenta enquanto olhava para a cara do rapaz morto. Um. Hitler a falar em Berlim, ela no meio do pequeno grupo de jornalistas, sem perceber as palavras, mas a sentir o louco, horrível entusiasmo da multidão. Olhara em redor para os colegas, todos correspondentes estrangeiros sediados como ela em Paris, todos como ela na Alemanha a tentar perceber o que queria aquele homenzinho esquisito. Eram todos mais velhos e mais experientes do que ela, mas pareciam todos tão assustados e nauseados como

ela se sentia. Dois. Viena, os rufões de camisa castanha da *Sturmabteilung* a estilhaçar as janelas das lojas pertencentes a judeus, a arrastá-los para a rua pelos cabelos e a chicoteá-los em frente dos vizinhos; os vizinhos a rir e a aplaudir. Três. A Polónia invadida, a declaração de guerra e os meses de espera que se tinham seguido. Quatro. Transportar refugiados na sua ambulância quando a França caiu. Cinco. Caças alemães a metralhar filas de mulheres e crianças em fuga. Seis. Henri regressado da Frente com o coração destroçado e humilhado pela rapidez com que a França fora derrotada. Sete. O dia em que Paris caíra.

As imagens sucediam-se num desfile ordeiro. Nancy cerrou os punhos. Tinha jurado a si mesma, naquele dia em Viena, que se alguma vez tivesse a oportunidade de prejudicar os nazis a aproveitaria, e tudo aquilo por que tinha passado desde então só servira para reforçar esta determinação. Alimentava-se do seu ódio por eles. Deliciava-se com cada pequena vitória. Acreditava que Hitler era louco e que ir esmagar-se contra o enorme rochedo que era a Rússia significaria o seu fim. Faria tudo o que pudesse para adiantar um minuto que fosse o colapso daquele regime odioso e maldito. Sabia que devia ter medo, manter-se quieta e calada, fora de perigo e esperar que Hitler e o seu sujo bando implodissem, mas estava demasiado furiosa para ter medo, e ficar quieta e calada não era próprio dela.

Cinquenta. Aquele homem. Aquele rapaz, apanhado na ocupação e destruição do Vieux Quartier de Marselha e descuidadamente assassinado a tiro por um invasor com uma espingarda. A luz a abandonar os seus olhos. Voltou à rua e desceu até à praça do mercado sem olhar para o cadáver. Nunca o esqueceria. Soltou a corrente que prendia a bicicleta ao gradeamento da fonte, pôs o embrulho no cesto e pedalou dali para fora.

Quando chegou ao passeio marginal, com o Mediterrâneo a brilhar como uma joia sob o frio céu de inverno, tirou uma luva, inclinou-se para a frente e passou a unha muito bem arranjada pelo envoltório de papel de jornal, rasgando-o como se tivesse usado uma faca. O embrulho continha uma garrafa de *Krug* de 1928, o champanhe e o *vintage* que Henri mandara servir na noite em que se tinham

conhecido, em Cannes. Virou o embrulho de modo que a garrafa não se visse e pedalou em direção à parte elegante da cidade, onde ela e Henri viviam juntos desde o início da guerra. O choque de ter visto o rapaz morrer estava a desvanecer-se. Ergueu a cara para o Sol e deixou a brisa fresca arrefecer-lhe a pele. Malditos alemães! Os ocupantes já tinham afixado um prémio de cem mil francos na cabeça do *Rato Branco*, de modo que devia estar a fazer qualquer coisa bem. Cem garrafas de excelente champanhe compradas no mercado negro. Havia de beber a isso, mas naquele momento ia a caminho de casa para se vestir para o seu casamento.